

## A Cartilha e a Leitura



### **Cartilha: no Princípio era a Leitura**

As cartilhas surgiram muito tempo antes das aulas de alfabetização nas escolas. Antigamente, as cartilhas serviam de subsídios para as pessoas aprenderem a ler (e a escrever) em casa. Eram feitas na forma de tabelas (*taboas*), com grupos de letras que a escrita usava para representar os diferentes padrões silábicos correspondentes à fala. O tipo de letra era sempre o de imprensa, em uso na época. Na tradição da Língua Portuguesa, a Gramática de João de Barros (Século XVI) já trazia agregada uma cartilha (ou *cartinha* = mapa, pequeno documento), cujo subtítulo era *Introducãõ pera aprender a ler*. No final, o autor concluía: "Em acartinha passáda, demos árte pera os minimos fáçilmente aprenderé aler: cõ toda adiuersidáde de syllabas que a natureza de nõssa linguágé padeçe".

\*Professor de Fonética e Fonologia do Depto. de Lingüística da Unicamp, é autor da obra *Alfabetização & Lingüística*.

Cartilhas desse tipo ainda são vendidas hoje: comprei uma delas, recentemente, num supermercado.

Com o surgimento das aulas de alfabetização nas escolas, após a Revolução Francesa, as cartilhas foram se modificando. Antes, elas tinham, basicamente, o alfabeto e os grupos de letras em tabelas de sílabas, vindo secundariamente os exemplos de palavras com seus respectivos desenhos, para facilitar o reconhecimento e a leitura. Depois, houve uma inversão: as palavras, que serviam de exemplos, tornaram-se *palavras-chave*, e os grupos de letras, agora separados por categorias de acordo com a primeira letra, tornaram-se as *sílabas-geradoras*. Isto acarretou uma mudança no modo de se aprender a ler e de se alfabetizar. Antes, ler era saber o alfabeto, os grupos de letras e reconhecê-los em palavras. Agora, ler é desmontar uma palavra em suas sílabas, pegar um desses padrões silábicos e gerar outros semelhantes, mantendo as consoantes e variando as vogais; em seguida, montar palavras com os elementos *já dominados*. No caso anterior, o leitor podia tomar qualquer palavra da língua e tentar lê-la. No segundo caso, ele só pode ler à medida que seu conhecimento dos padrões silábicos progredir. No primeiro, a alfabetização podia se realizar com um mínimo de auxílio de outra pessoa. No segundo, a alfabetização precisa ser conduzida por um professor e seguir um programa rígido e sob controle constante a cada passo, a cada lição.

Com o tempo, as cartilhas incorporaram pequenos textos que deveriam ser usados especialmente como exercícios de leitura, e apresentavam apenas palavras já dominadas, estudadas nas lições anteriores. Depois surgiram os exercícios estruturais, visando a ensinar o aluno a desmontar e a montar palavras, e a reconhecer, em palavras diferentes, a ocorrência de letras iguais. Nas cartilhas, este é o exercício considerado mais importante para se ensinar a ler. Em seguida, vieram os exercícios gramaticais e os de compreensão de texto. Como complemento, algumas cartilhas passaram a contar com um livro de leitura, com textos mais longos, porém elaborados de acordo com o nível das lições da cartilha, com a idade dos alunos, levando em conta ainda as características regionais e sociais dos possíveis leitores.

As cartilhas, praticamente, proíbem a produção de textos, permitindo que os alunos escrevam apenas palavras formadas de elementos já estudados, ou frases com palavras já vistas. O máximo de liberdade que permitem ao aprendiz é escrever, por exemplo, uma *estória*, em quatro ou cinco linhas, em geral recontando algo que ouviu. Não raramente, acompanha este exercício, um roteiro com perguntas que o aluno deve responder, e, dessa forma, obter as frases que formarão o seu *texto*.

A melhor maneira para se descobrir o que os alunos pensam da escrita e da leitura é através da produção de textos espontâneos. Quando os alunos só fazem cópias e ditados, ou trabalham apenas com elementos já dominados, nem sempre é fácil distinguir quem, de fato, sabe o que faz e por que faz, de quem simplesmente reproduz o modelo que viu e memorizou, atendo-se apenas à forma gráfica da escrita.

A cartilha tem uma obsessão tão forte pela avaliação e fixação da aprendizagem, que se esquece de ensinar o que os alunos devem aprender. Com relação à leitura, pode levar alguns alunos a decorar tudo, fazendo-os escrever aquilo que ela exige deles, sem contudo levá-los a descobrir como, de fato, se deve fazer para ler. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, tais alunos se revelam e a professora não sabe o que fazer com eles.

A cartilha começou com o estudo da leitura e se tornou, depois, um instrumento de ensino da escrita, com o ensino da leitura ocorrendo em decorrência dos exercícios de escrita: cópia, ditado, reprodução de modelos, exercícios estruturais, roteiro para compreensão de texto etc. Até os exercícios de análise fonética, como dividir palavras em sílabas, reconhecer a sílaba tônica, passaram a ser feitos através da escrita e não da fala.

Um fato ligado a isto, que tomou conta das cartilhas e se generalizou no processo de alfabetização e até mesmo na vida das pessoas, é o uso do princípio acrofônico como técnica de leitura e como explicação de como se escrevem as palavras. Por exemplo, se ensina que *cachorro* começa com CA, *laranja* com LA, abelha com A, e assim por diante. Ou ainda, *lata* se escreve com LA de *laranja* e o TA de *tatu*. Porque algumas cartilhas usam letras em forma de figuras, o princípio acrofônico pode se transferir para a figura e, neste caso, o aluno chega mesmo a perguntar coisas estranhas, como: "*casa* se escreve com o rabo do *cachorro*?" (porque a letra C vem desenhada com o rabo do cachorro na palavra-chave *cachorro*), ou "*ovo* se escreve com a boca?" (porque a letra O vem desenhada sobre a figura de uma boca, quando essa letra é ensinada na cartilha), e assim por diante.

### **Período Preparatório: o Descrédito do Método**

As cartilhas sofreram um enorme choque com a introdução do *período preparatório*: se no papel as cartilhas continuaram com o mesmo perfil, na prática escolar, tudo mudou. Agora, nem mesmo as palavras-chave e as sílabas-geradoras eram suficientes para se ensinar a ler e a escrever, devendo-se levar em conta, prioritariamente, a *prontidão* do aluno, vista como um conjunto de requisitos psicológicos. Assim, ler passou a ser um desafio psicológico e não mais um fato lingüístico.

A prontidão mostrou que a cartilha era, de certo modo, inútil: quem era capaz, podia se alfabetizar de qualquer jeito; e quem era portador de deficiências, ou superava seus *déficits*, através do período preparatório, ou se tornava um caso clínico para fonoaudiólogos, psicólogos ou mesmo neurologistas.

Essa nova abordagem de ensino colocou, como requisito para se aprender a ler e a escrever (e a estudar tudo o mais, na escola), a *leitura do mundo*. Neste momento, o ensino deixou de ser sério e se tornou metafórico. O aluno, para ler e compreender uma palavra, precisa experienciá-la primeiro. Para entender o que é *fogo*, por exemplo, precisa acender uma fogueira. Palavras como *elefante* precisam ser abolidas, porque não fazem parte do cotidiano da criança brasileira. Se isto fosse verdade, as pessoas jamais aprenderiam a falar uma língua e a entender o que ouvem. Porém, isto ocorre em todos os lugares e culturas do mundo, quando as pessoas têm, em média; de um e meio a três anos de idade.

Mais recentemente, alguns lingüistas começaram a chamar a atenção da Escola para a situação ridícula em que ela se colocou ao tratar, com tantos equívocos, os problemas lingüísticos da alfabetização. Por outro lado, surgiu uma ênfase no conhecimento científico de como a linguagem funciona e de quais os usos que tem, em todas as suas modalidades. Neste contexto, a cartilha tradicional terá ainda menos chance de sobreviver. Por outro lado, o alfabeto voltará a ser o ponto de partida e o elemento mais usado no ensino e na aprendizagem da leitura e da escrita.

Corra o retorno dos lingüistas, a leitura passou a ser prioritária novamente no processo de alfabetização. As questões de fala, escrita e leitura passaram a ser tratadas cada qual segundo suas especificidades e através de técnicas científicas de estudos da linguagem, dadas pela Lingüística Moderna e não mais pela velha Gramática Normativa tradicional. Fatos como a variação lingüística, a aquisição da linguagem oral e escrita, a produção de textos espontâneos e a leitura geral e irrestrita passaram a ocupar um lugar especial no processo de alfabetização. Os exercícios estruturais foram substituídos por explicações adequadas e as formas já dominadas, por reflexões das crianças sobre a natureza e os usos da linguagem.

## **Livrinhos de Leitura: a Cartilha da Fantasia**

Desde o colapso das cartilhas como método ideal de alfabetização, com a preocupação da condição psicológica do aluno, por um lado, e, por outro, com a preocupação de fazer o aluno descobrir, através de textos, os princípios gramaticais que precisa estudar, tem acontecido que muitos professores abandonaram as cartilhas ou reduziram seu uso ao mínimo, e, em seu lugar, trouxeram, para as salas de aula, montanhas de livrinhos de leitura.

Sem dúvida alguma, ler e ler muito e as mais variadas coisas é a grande meta do ensino escolar. Mas isto depende muito do que se lê. A quase totalidade dos livrinhos infantis, que conheço, são histórias fúteis, ridículas, que exploram ao exagero o maravilhoso (ou horroroso) fantástico, além de serem escritas de maneira pedante e com um mau gosto literário. Nessas montanhas de livrinhos, raramente se encontra uma obra de autores famosos, como Cecília MEIRELES, Monteiro LOBATO ou tantos outros consagrados nomes da literatura nacional e universal.

Para o processo de alfabetização, a substituição das cartilhas pelos *livrinhos* de leitura trouxe uma conseqüência terrível para alguns alunos. Os livros pressupõem leitores já formados, com relação ao trabalho básico de decifração da escrita. Acontece, porém, que a grande dificuldade de certos alunos é superar essa barreira e, sem um ensino específico sobre como decifrar uma escrita, esses alunos passarão o ano todo vendo figuras e ilustrações, adivinhando histórias, mas não lendo, de fato.

Assim como ler um livrinho novo pode ser uma recompensa e um estímulo à leitura para o aluno que sabe ler, do mesmo modo, um aluno que não sabe decifrar a escrita pode encarar a leitura de livrinhos como uma espécie de castigo, uma grande frustração e até mesmo uma prova de sua incapacidade para os estudos, com terríveis conseqüências na escola e na vida. A escola muda, muda, e acaba sempre fazendo as coisas erradamente.

## **Manual do Professor: Tentando Repensar o Saber Fazer**

A cartilha, mais do que qualquer outro tipo de livro didático, por ser uma obra extremamente simplificada e esquemática, pressupõe, por parte de quem a usa, um conhecimento profundo do conteúdo da obra e das técnicas de ensino e aprendizagem.

As escolas de magistério logo reconheceram isto, mas se enganaram na sua prática acadêmica. Nas escolas de formação, os futuros professores alfabetizadores passaram a estudar, em excesso, matérias de Psicologia, Pedagogia e Metodologia, ficando em falta os estudos específicos de Português e de Matemática. Isto levou o ensino a se deteriorar por falta de competência técnica no desempenho dos professores.

Para resguardar os métodos das cartilhas dessa catástrofe, que se tornava cada vez mais evidente e comum, os autores juntaram às cartilhas os Manuais do Professor: agora, entenderam eles, se o ensino proposto na cartilha não der certo, o culpado não é o método, mas o professor que não o soube aplicar corretamente.

Os Manuais do Professor, por outro lado, trouxeram uma explicitação da concepção de linguagem que as cartilhas têm, do que elas entendem por fala, escrita, leitura etc., e de quais caminhos tomar e por que, ao se ensinar a ler e a escrever. Ficou claro também o motivo pelo qual as cartilhas não tratam de certos assuntos, que, por sua natureza, deveriam constituir partes fundamentais do ensino: isto aconteceu porque seus autores jamais pensaram no assunto.

## Cartilha: uma Imagem Desfigurada da Linguagem

As cartilhas, com as mudanças sofridas no tempo, tornaram-se cada vez piores: não só resolveram os problemas anteriores, como juntaram a eles erros novos, equívocos e, sobretudo, continuaram deixando de lado inúmeros aspectos dos estudos da linguagem que são fundamentais para se ensinar corretamente alguém a ler e a escrever. As considerações abaixo vão lembrar alguns desses fatos.

Apesar de um certo esforço, por incompetência técnica, as cartilhas não tratam, de maneira separada e apropriada, os fatos de fala, de escrita e de leitura. Tudo vem muito misturado, sem o devido cuidado e explicações necessárias. Por exemplo, segundo a cartilha, uma palavra como *lápis* só pode ter duas sílabas: LÁ-PIS, mesmo que o mais comum seja dizer *laps*, com apenas uma sílaba. A cartilha pensa que ler direito é pronunciar sílaba por sílaba corretamente, quando, na verdade, este é o pior tipo de leitura que se pode fazer.

As cartilhas desenvolveram uma fala artificial silabada, desconhecendo a realidade das variações lingüísticas. Para a cartilha, quem fala *drento* fala errado e não apenas diferente. A cartilha pressupõe que todos os usuários são falantes de um mesmo dialeto e que a pronúncia padrão é a que mais se aproxima da forma ortográfica das palavras.

As cartilhas privilegiam a escrita sobre qualquer outro aspecto da linguagem, o que é uma concepção maluca de linguagem. Por exemplo, qualquer falante sabe usar corretamente palavras como *pai-mãe*, *boi-vaca*; mas, nos exercícios gramaticais, ao formarem o *feminino*, os alunos cometem erros inacreditáveis (pai-paioa, boi-baia), simplesmente porque se apóiam em exercícios de escrita, que envolvem pôr e tirar letras, sem serem levados a refletir primordialmente sobre a fala.

As cartilhas pretendem se apoiar sobre a escrita para alfabetizar e, com raras exceções, não apresentam ao aluno o alfabeto, nem explicam como o sistema de escrita funciona, o que é a ortografia etc.

As cartilhas adoram contar estórias para ensinar tudo, e não dizem nenhuma palavra sobre a verdadeira história da escrita, das letras, dos algarismos, das línguas etc.

As cartilhas (nem os Manuais do Professor) não trazem nenhuma análise das dificuldades que as crianças enfrentam ao aprender a ler e a escrever. O planejamento das cartilhas só se aplica a quem aprende todas as lições, uma após outra, numa determinada ordem, sem exceção. Para o aluno que fica para trás, a única coisa que ela recomenda é recomeçar de onde parou e repetir tudo de novo. Ora, se o aluno já provou que por aquele caminho não dá certo, é preciso encontrar outras saídas. Mas as cartilhas não têm alternativas que permitam resolver esses problemas e impasses.

As cartilhas entendem os erros como um resultado de *déficits* mentais ou da distração do aluno, e nunca como revelações de hipóteses que, embora não correspondam às expectativas da escola, revelam conhecimentos reais que os alunos possuem sobre a linguagem oral e o sistema de escrita. Por exemplo, um aluno que vê as pessoas assinando seus nomes com rabiscos pode achar que escrever é rabiscar e ler é reconhecer, no rabisco, o que se quis representar. Um aluno com essas idéias pode encontrar dificuldades nas lições da cartilha, para aprender a ler e a escrever, sobretudo se achar que os rabiscos que faz são formas pessoais de grafar as letras manuscritamente.

As cartilhas são muito restritivas, trabalham com palavras-chave e sílabas-geradoras, quando o

mundo da linguagem é imenso e diversificado: há textos de todos os tipos, como se pode notar simplesmente lendo um jornal. A linguagem não se reduz a listas de palavras; nem a gramática, ao uso ortográfico da escrita.

Pode-se escrever com letras de todos os tipos e formas caligráficas, mas a cartilha se restringe à letra de forma para a leitura; e à cursiva, para a escrita.

A leitura no mundo moderno (que é caótico com relação aos sistemas de escrita empregados pela sociedade) não pode se restringir, como faz a cartilha, ao sistema alfabético ortográfico. O uso ideográfico da escrita não está apenas nos números, mas está por toda a parte, muitas vezes misturado com a própria escrita alfabética. Esta, por sua vez, nem sempre é ortográfica, e nem por isto deixa de ser correta e apropriada, como ocorre em algumas propagandas.

### **Cartilha: o Longo Caminho da Leitura**

Um aspecto decorrente dos métodos das cartilhas é o tempo necessário para alguém aprender a ler. Com a cartilha antiga, o aprendizado da leitura era feito num tempo curto: o grande obstáculo da decifração ficava superado, em grande parte, com o simples conhecimento das letras do alfabeto, e o aprendiz progredia rapidamente, podendo aplicar seus conhecimentos das relações entre letras e sons à descoberta das palavras que procurava ler.

Com as cartilhas atuais, o processo se estendeu tanto e de maneira tão rígida, seguindo uma seqüência de etapas necessárias e ordenadas que o aluno precisa superar, que a aprendizagem da leitura tornou-se um processo demorado demais. Essa demora não foi uma vantagem, não trouxe conhecimentos mais sofisticados ou melhor adquiridos.

Todos os alunos trazem para a escola algumas representações e hipóteses sobre a linguagem oral e escrita. Como falar é fácil, segundo sua experiência de vida, eles acham que ler deve ser igualmente fácil. Ler é o primeiro desafio que eles enfrentam na escola. Porque o caminho da leitura através das cartilhas é longo, tortuoso, confuso e com obstáculos insuperáveis para alguns, a experiência de estudar na escola torna-se um desafio maior do que a coragem, para esses alunos. Por outro lado, para quem já possui noções preliminares sobre como ler, a prática da leitura feita pela cartilha é frustrante.

Com o uso do alfabeto e com as devidas explicações sobre o conhecimento das letras que compõem as palavras (sejam elas quais forem), o aluno pode passar facilmente da decifração da escrita para a fala do que está escrito, realizando, assim, o processo de leitura. Em três meses, com meia hora de trabalho por dia, os alunos já conseguem ler praticamente tudo e, conseqüentemente, já estão aptos a escrever o que quiserem.

### **Cartilha: um Livro Incompetente e Inadequado**

A lista, acima, pode ser alongada em muito, mas, pelo pouco que menciona, pode-se ter uma idéia da extensão e da gravidade do problema.

A conclusão, pois, que se é levado a tirar, mostra que as cartilhas são incompetentes e um equívoco educacional. Se os alunos ainda aprendem, apesar das cartilhas, isto se deve, de maneira precípua, ao bom senso e ao trabalho dos professores, mesmo com todas as deficiências da formação que receberam das escolas de magistério, e à condescendência dos alunos que, perdidos no meio de tanta confusão, não sabem como reclamar, mas continuam acreditando que a escola vale a pena.